Polarização política

As eleições europeias de 26 de maio serão um teste importante não só para a saúde do projeto europeu, mas também para mostrar o grau de polarização política no Velho Continente. Existem receios sobre a possível ascensão de partidos extremistas – eurocéticos, antissistema ou ambos ao mesmo tempo – que questionam os princípios sobre os quais se construiu a UE.

O fenómeno da polarização política, que discutimos no Dossier desta *Informação Mensal*, estendeu-se a um grande número de países e responde a fatores que poderíamos denominar de procura e oferta. Os fatores de procura seriam aqueles que fizeram com que parte do eleitorado se movesse para posições mais extremas. Entre os mesmos estão, por exemplo, a longa crise económica e as suas consequências, o aumento da desigualdade, a crise dos refugiados ou a sensação de insegurança causada pelas mudanças tecnológicas e demográficas (estará o meu emprego em risco? E a minha reforma?). Insatisfeita com o *status quo* – «o sistema» – e com as respostas dos principais partidos políticos a estes desafios, uma parte do eleitorado identificou-se com opções mais extremas que questionam o próprio sistema político e económico e que procuram eclipsar os partidos mais tradicionais.

Por fatores de oferta referimo-nos ao surgimento de novos partidos, ou ao reforço dos antigos, afastados da centralidade política. Além disso, os partidos tradicionais, movidos pelas mudanças de preferências dos eleitores e pelo surgimento de novos concorrentes, são tentados a radicalizar os seus discursos e a afastarem-se do centro. Esta é uma viagem que acarreta riscos, pois ao fim ao cabo a maior parte dos eleitores ainda mantém posições com uma tendência mais centrista.

Outras mudanças contextuais também facilitaram a polarização da procura (eleitores) e da oferta (partidos). Por exemplo, as novas tecnologias de comunicação, que reduziram os custos de entrada para os novos ofertantes. Por sua vez, as redes sociais facilitam a difusão de mentiras que alimentam a polarização social, em parte porque as mensagens chegam – e não por acaso – àquelas pessoas que possuem uma maior probabilidade para as considerar verdadeiras (validam os seus preconceitos) e também mais propensas a partilhá-las com outras pessoas de ideologia semelhante. O efeito de eco e o conforto de sentir que existem muitos outros que pensam da mesma forma contribui para a polarização.

A polarização envolve custos significativos. Por exemplo, produz uma deterioração da coesão social ao provocar uma diminuição na população que possui uma visão minimamente partilhada dos grandes desafios da economia e da sociedade e das alternativas para responder aos mesmos. Esta fratura social torna mais difícil chegar a um grande consenso para realizar reformas que ofereçam respostas aos desafios existentes – porque a fragmentação política o impede e porque os partidos de centro estão menos incentivados a estabelecer acordos entre si devido ao receio de perderem terreno para partidos que se encontram mais ao extremo –. Por sua vez, a ausência de consensos e de reformas acaba por agravar a situação económica e provocar um aumento da instabilidade política, fatores estes que retroalimentariam as opções extremas.

Aqui assenta precisamente a dificuldade para travar e reverter a polarização política. Porque, para tal, é essencial fazer reformas para responder aos grandes desafios de hoje. A construção de grandes consensos requer lideranças fortes, empatia com quem pensa de forma diferente, pedagogia com os eleitores e, logicamente, sentido de responsabilidade. Talvez seja pedir demais, mas é o que exigem os tempos complexos em que vivemos.